

As estratégias de focalização em português brasileiro e sateré-mawé

The strategies of focalization in brazilian portuguese and sateré-mawé

Fernanda Ferreira SPOLADORE (UFU-MG)
fernandaspoladore@hotmail.com

SPOLADORE, Fernanda Ferreira.
As estratégias de focalização em português brasileiro e sateré-mawé.
Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p. 08-29, jan./jun. 2017.

Resumo: Pretende-se, neste artigo, apresentar as estratégias de focalização das quais se apropriam algumas línguas, mais especificamente o português brasileiro e o sateré-mawé. Aproprio-me dos conceitos de focalização propostos por Cruttenden (1997), Gonçalves (1998) e Quarezemin (2009), de linha gerativa. Em relação à focalização em nível fonológico, apresento de que maneira as sentenças do inglês e do espanhol (GONÇALVES, 1999) se apropriam de recursos para imprimir fonologicamente ênfase a um constituinte. Em nível morfológico, as sentenças do tupinambá (BRANDON e SEKI, 2007) ilustram estratégia empregada para tornar um constituinte foco. No que concerne à focalização em nível sintático, ilustro a partir do espanhol (CABRERA, 1999) e do tuparí (BRANDON e SEKI, 2007) recursos dos quais se apropriam para destacar sintaticamente um constituinte. Em relação ao português, recorro às pesquisas e aos dados de Gonçalves

(1998, 1999, 2002) e Braga et al. (2009), para ilustrar as estratégias de focalização as quais operam nos níveis fonológico, morfológico e sintático. No que se refere ao sateré-mawé, por sua vez, recorro às pesquisas e aos dados coletados (em situações naturais de comunicação) por Franceschini (1999), Spoladore (2011), Carneiro (2012) e Franceschini & Carneiro (2015), a fim de ilustrar a focalização nos níveis morfológico e sintático.

Palavras-chave: Estratégias de focalização. Português brasileiro. Sateré-mawé.

Abstract: The aim of this article is to present strategies of Focalization observed in some languages, more specifically, in Brazilian Portuguese and Sateré-Mawé. The first section presents the Focalization concepts proposed by Cruttenden (1997), Gonçalves (1998) and Quarezemin (2009), from generative theory. In relation to Focalization in phonology level, I present the resources employed by English and Spanish (GONÇALVES, 1999) to emphasize a constituent of a sentence. In morphology level, Tupinamba sentences (BRANDON e SEKI, 2007) illustrate a strategy employed to turn a constituent into focus. As regards the Focalization in syntax level, Spanish (CABRERA, 1999) and Tupari (BRANDON e SEKI, 2007) languages illustrate some resources whereby they highlight syntactically a sentence constituent. In relation to Portuguese, I resort to researches and data from Gonçalves (1998, 1999, 2002) and Braga et al. (2009) for illustrating the Focalization strategies which operate in phonology, morphology and syntax levels. In terms of Sateré-Mawé language, I resort to researches and data collected (in natural situations of communication) by Franceschini (1999), Spoladore (2011), Carneiro (2012), and Franceschini & Carneiro (2015), in order to elucidate the Focalization in morphology and syntax levels.

Keywords: Strategies of Focalization. Brazilian Portuguese. Sateré-Mawé.

Introdução

Lança-se mão da estratégia de focalização, a fim de ressaltar um elemento da sentença, de modo a organizar as informações veiculadas por ela. O elemento evidenciado pela focalização corresponde à informação não pressuposta, ao contrário do elemento não focalizado, que remete à informação compartilhada pelos participantes do discurso (GONÇALVES, 1998).

Neste artigo, pretende-se apresentar estratégias utilizadas por algumas línguas, especialmente o português brasileiro e o sateré-mawé, a fim de empregar a focalização em nível prosódico, morfológico e sintático. Sabe-se que, em nível prosódico, a focalização depende da potência sonora que é impressa a um determinado constituinte, distinta da que é impressa aos outros constituintes da sentença. Pode-se, todavia, destacar um constituinte apenas em nível morfológico, por meio do emprego de formas de natureza enfática, como morfemas focais ou de grau. Em nível sintático, por sua vez, a veiculação de foco é assegurada por meio da acomodação do constituinte, que carrega a informação não pressuposta, em posição especial na sentença.

Em se tratando de línguas já descritas e analisadas, parte-se do

pressuposto de que as línguas do mundo apresentam funcionamento mais ou menos semelhante. Nesta perspectiva, a partir de estudos já realizados sobre o português brasileiro e o sateré-mawé, pretende-se apresentar como a focalização se manifesta nessas línguas e em que medida elas assemelham-se ou divergem-se quanto às estratégias que empregam para enfatizar um constituinte. Em relação ao sateré-mawé, ademais, faz-se necessário averiguar quais aspectos dessa língua faltam ser investigados.

Os conceitos de focalização dos quais nos apropriamos são propostos por Gonçalves (1998), Quarezemin (2009) e Cruttenden (1997), de linha gerativa. As pesquisas de Gonçalves (1999) e Cabrera (1999) nos auxiliaram, respectivamente, na compreensão do inglês e do espanhol, em relação à focalização em nível prosódico, e do espanhol, em nível sintático. Recorremos às pesquisas de Brandon e Seki (2007), a fim de compreender a focalização em tupinambá e tuparí, nos respectivos níveis morfológico e sintático. Para elucidar a focalização em português brasileiro, lançamos mão das pesquisas e dos dados apresentados por Gonçalves (1998, 1999, 2002), no que diz respeito aos níveis prosódico e morfológico, e por Braga et al. (2009), em relação à focalização em nível sintático. Por fim, recorremos às pesquisas e aos dados de Franceschini (1999), Spoladore (2011), Carneiro (2012) e Franceschini & Carneiro (2015), nos quais se esclarece o emprego de focalização em sateré-mawé nos níveis morfológico e sintático.

A focalização

Empregada em diferentes línguas do mundo, a focalização tem como finalidade organizar as informações contidas em uma determinada sentença, por meio do ato de acentuar, de ressaltar, de pôr em relevo/realce/evidência um determinado item do texto. Lançando mão de uma metáfora da iluminação teatral,

[...] pode-se assumir que a Focalização funciona como uma espécie de refletor direcional que, no discurso/palco, vai se movendo em diferentes direções, colocando em Foco somente uma cena/constituinte de cada vez. Nesse jogo de representações, a totalidade do palco equivale ao texto e a parte iluminada corresponde ao que chamo de 'Focalização': porção da sentença sobre a qual o falante/ator chama a atenção do ouvinte/plateia, clareando-a no texto (GONÇALVES, 1998, p. 33).

O constituinte focalizado, segundo Gonçalves (1998), equivale à

informação que o locutor considera ser a mais relevante da sentença, visto que é desconhecida ou irrecuperável a partir do texto anterior, co-texto, ou do contexto situacional imediato. Por outro lado, os constituintes não focalizados representam as informações que locutor e interlocutor compartilham e que são acionadas no momento de discurso. Em concordância com Gonçalves, Quarezemin (2009, p. 52) afirma que “o conceito foco se aplica ao constituinte que veicula a informação não pressuposta”, isto é, a informação não compartilhada pelos participantes do discurso. Nas palavras de Cruttenden (1997 apud QUAREZEMIN, 2009), o foco é um recurso empregado pelo falante para fazer com que o ouvinte fique atento a uma parte da sentença, que pode ser um constituinte lexical, uma sílaba, um grupo entonacional ou parte dele.

Braga et al. (2009, p. 254) afirmam que toda sentença veicula foco. É possível que todos os elementos de uma sentença sejam desconhecidos ou irrecuperáveis e, nesse caso, o foco equivalerá à sentença como um todo. Temos aí o que chamamos de foco amplo. Em outros casos, apenas um dos constituintes da sentença é focalizado e o que teremos é um foco estreito. De acordo com Quarezemin (2009), com relação aos padrões de proeminência das línguas, as sentenças cujo foco é amplo são marcadas por acento neutro, ao passo que as sentenças assinaladas por foco estreito são caracterizadas por constituinte focalizado por acento marcado.

A focalização, em línguas do mundo, pode ser observada nos níveis fonológico, morfológico e sintático. Nas palavras de Dik (1997, p. 292),

os constituintes que carregam a função de foco podem ser expressos por uma variedade de formas: (a) podem receber uma proeminência prosódica especial; (b) podem ser colocados em posição especial; (c) podem ser marcados por partículas especiais; e (d) podem ocorrer em tipos de construção especial.

Em nível prosódico, são empregados recursos de natureza suprasegmental (GONÇALVES, 1998), em outros termos, aplica-se a variação do grau de intensidade do som da fala. Em línguas em que a focalização é observada prosodicamente, é possível destacar um constituinte na sentença imprimindo-lhe som de intensidade diferente da que é impressa aos outros constituintes que o rodeiam. Nas palavras de Quarezemin (2009, p. 52),

na abordagem fonológica, o foco é identificado por receber a proeminência principal na sentença ou por receber um tipo de acento tonal específico. [...] O foco ou um membro do constituinte focalizado sempre recebe o acento principal na sentença, enquanto a pressuposição não pode ser acentuada nos mesmos níveis.

Nas línguas inglesa e espanhola, de acordo com Gonçalves (1999, p. 338), a focalização pode ser expressa em nível prosódico, visto que a ascensão do grau de intensidade sonora é estratégia suficiente para destacar contrastivamente um constituinte na sentença. A seguir, as sentenças¹ em (1) e (2) ilustram o emprego de focalização em nível prosódico em inglês e espanhol.

- (1) John painted [THE SHED]² yesterday.
“John pintou [O TELHEIRO] ontem.”
- (2) He leído [EL LIBRO] que me prestaste.
“Li [O LIVRO] que você me emprestou.”

As sentenças em (1) e (2), supracitadas, são caracterizadas pela focalização dos constituintes nominais *the shed* e *el libro*, nessa ordem. A focalização desses constituintes em inglês e espanhol, respectivamente, apresenta leitura contrastiva. Isso significa frisar, em (1), que o telheiro é que foi pintado, e não a porta ou a janela; e, em (2), que o livro foi o objeto emprestado, mas não a revista ou o jornal.

Em nível morfológico, a focalização é realizada por meio do emprego de formas cuja função é destacar um dos constituintes da sentença. Em Tupinambá³ (BRANDON; SEKI, 2007), a focalização é observada morfológicamente, uma vez que a inserção do morfema {-pe} é o que condiciona o foco de sentenças interrogativas.

- (3) xe - inĩ - me - pe ere - ker
1sg.+‘rede’+Posp.+Inter. 2sg.+‘dormir’

1 As sentenças em (1) e (2) estão apresentadas no trabalho de Gonçalves (1999, p. 339).

2 Neste artigo, o constituinte entre colchetes veicula focalização. Ademais, a fonte de um constituinte em CAIXA ALTA indica que a focalização por ele veiculada é do tipo prosódica.

3 Os Tupinambás, como nação, dominavam quase todo o litoral brasileiro e possuíam uma língua comum, que teve sua gramática organizada pelos jesuítas e que passou a ser conhecida como o tupi antigo.

- (8) De quien todos hablan es [de María].
“De quem todos falam é [de Maria].”
- (9) [De María] es de quien todos hablan.
“[De Maria] é de quem todos falam.”
- (10) Es [de María] de quien todos hablan.
“É [de Maria] de quem todos falam.”

A sentença em (7) é não marcada, formada em primeira posição do constituinte nominal todos, seguido do constituinte verbal hablan e do constituinte preposicionado de María. As sentenças de (8) a (10), em contrapartida, ilustram o fenômeno da clivagem. Em (8), pseudoclivada básica, emprega-se a relativa livre de quien todos hablan, seguida da cópula es e do constituinte clivado de María. A sentença em (9), pseudoclivada invertida, é constituída de constituinte clivado em posição inicial, seguido de cópula e de relativa livre. Por sua vez, a pseudoclivada extraposta, em (10), é caracterizada pelo emprego de cópula, constituinte clivado e relativa livre, nessa ordem.

Semelhantemente, a focalização em tuparí (BRANDON; SEKI, 2007) e mekén⁷ (GALÚCIO, 2002) é observada em nível sintático, por meio do deslocamento do constituinte para a posição inicial da sentença; e morfológico, por meio da incidência da partícula ne (tuparí) e te (mekén) sobre ele.

- | | |
|--|---|
| <p>(11) [pot'eat] ne ãn
chefe' Inter. 2sg.
“Você é [chefe]?”</p> | <p>(12) [ãn] ne pot'ear – et
2sg. Inter. 'chefe'+NU
“[Você] é chefe?”</p> |
|--|---|

Supracitadas, as sentenças do tuparí são caracterizadas pela focalização dos constituintes nominais pot'eat 'chefe' e ãn 'você', respectivamente, os quais, além de ocuparem a periferia esquerda da sentença (recurso sintático), são seguidos da partícula enfática ne (recurso morfológico).

⁷ O tuparí é falado pelos indígenas tuparís, habitantes do Sul do Estado de Rondônia. O povo mekén, por sua vez, vive nas Terras Indígenas Rio Guaporé e Rio Mequéns, no estado de Rondônia. Ambas as línguas pertencem ao tronco linguístico tupi.

- (13) āsi ŋwaē ō - a o - arop - na
 ‘mãe’ ‘panela’ ‘dar’+VT 1+‘coisa’+VBRLZ
 “Minha mãe deu a panela para mim (para ser a minha coisa).”

- (14) ŋwaē te āsi i - õp o - arop - na
 panela’ FOC ‘mãe’ OBJ+‘dar’ 1+‘coisa’+VBRLZ
 “Foi [panela] que minha mãe me deu (para ser a minha coisa).”

A sentença do mekén em (13) é não marcado (SOV). Em (14), por sua vez, o constituinte nominal ŋwaē ‘panela’ é focalizado, sintaticamente, por meio de seu deslocamento para a periferia esquerda da sentença e, morfologicamente, por meio da incidência da partícula focalizadora te.

Conforme Quarezemin (2009, p. 47), aplica-se, em certas línguas, a estratégia da Clivagem, operação sintática que “se processa de tal forma que a estrutura resultante tem uma posição destinada para o constituinte focalizado”.

Em karitiana⁸, segundo Storto (2008, p. 197), as construções clivadas são “formadas pelo movimento (...) de um argumento para a posição imediatamente anterior à cópula”, posição esta que “parece focalizar o argumento que aparece como sujeito da cópula”.

- (15) yn naokyt pikom
 “Eu matei (um) macaco.”

- (16) [pikom] Ø - na - aka - t taso ti - i - oky - t
 ‘macaco’ 3+Decl.COP+nFut. ‘homem’ CFO+Part.+‘matar’+Conc.
 Abs.

“É [macaco] que o homem matou.”

A sentença em (15) é não marcada (SVO), formada em primeira posição do constituinte nominal yn, referente à primeira pessoa do singular, seguido do constituinte verbal naokyt e do constituinte nominal pikom ‘macaco’. Por sua vez, na construção clivada em (16), o constituinte pikom é deslocado da posição pós-verbal para a posição pré-copular, o que, segundo Storto (2008), seria um indício de foco.

⁸ Pertencente ao tronco tupi, a língua karitiana é falada pelos indígenas habitantes da Terra Indígena de mesmo nome, localizada no município de Porto Velho, no Estado de Rondônia.

Tratamos, a seguir, da focalização em língua portuguesa.

A focalização em português

Em língua portuguesa⁹, a focalização pode ser observada em nível prosódico, morfológico e sintático. Vejamos a seguir:

A focalização em nível prosódico

Em português, a focalização de constituinte pode ser concretizada em nível prosódico. Para tanto, o constituinte a ser destacado recebe intensidade sonora distinta da que recebem os outros constituintes da sentença. De acordo com Gonçalves (1999, p. 334),

uma língua com Focalização [+ fonológica] tem a capacidade de pôr um elemento do texto em destaque usando tão-somente meios prosódicos. [...] A Prosódia pode prescindir de marcas textuais (morfemas, palavras e construções sintáticas) para veicular a informação focal: o Acento Enfático é [...] autossuficiente para asseverar as semânticas da Focalização.

16

Segundo o autor, a fonologia a serviço da focalização em português tem papel fundamental no que concerne à expressão do conteúdo de uma sentença. Em outros termos, a entonação, como recurso fonológico para destacar o constituinte que é foco, é tão importante quanto os recursos sintáticos e morfolexicais empregados para esse fim. As sentenças¹⁰ em (18) e (19), a seguir, são focalizadas prosodicamente:

(17) A prima da Marcelina gravou um samba do João Bosco.

(18) A prima da Marcelina gravou um samba [DO JOÃO BOSCO].

(19) A prima da Marcelina gravou [UM SAMBA] do João Bosco.

A sentença em (17) apresenta ordem neutra. Por sua vez, as sentenças em (18) e (19) são caracterizadas pelo emprego de focalização, uma vez que recebem proeminência acentual os constituintes do João Bosco, em (18), e um samba, em (19). Tem-se aí uma leitura contrastiva, visto que os constituintes destacados permitem ao falante evidenciar

⁹ A língua portuguesa tratada neste artigo é a falada no Brasil.

¹⁰ As sentenças em (18) e (19) estão apresentadas no trabalho de Gonçalves (1999, p. 327), já a sentença em (20) está apresentada no trabalho de Gonçalves (2002, p. 45).

que o samba em questão é do compositor João Bosco, e não do Chico Buarque ou do Tom Jobim (cf. (18)), ou que um samba foi o gênero musical gravado, mas não o jazz ou o tango (cf. (19)).

A sentença, a seguir, ilustra o que Cagliari (1992 apud GONÇALVES, 2002) denomina fala silabada, recurso fonológico para a intensificação de um constituinte.

(20) Eu não gosto muito de feijão não... Prefiro arroz, mas o que E. faz é simplesmente [MA-RA-VI-LHO-SO].

Em (20), acima, o constituinte nominal maravilhoso é intensificado pelo emprego de um ritmo silábico diferente do que é empregado aos outros constituintes da sentença. De acordo com Gonçalves (2002, p. 44), para garantir a intensificação desse constituinte,

os índices de duração e intensidade são relativamente iguais para todas as sílabas, criando, assim, um ritmo específico, caracterizado pela isocronia e pela falta de contraste entre sílabas acentuadas e não acentuadas.

A focalização em nível morfológico

A focalização em português pode também ser empregada em nível morfológico, veiculada pelos chamados afixos de grau. De acordo com Gonçalves (2002, p. 44),

a intensificação veiculada pelos sufixos é solidamente acompanhada pela atuação dos correlatos prosódicos, o que leva a entender que a entonação funciona como reforço, podendo ser concebida como verdadeira 'intensificadora da intensificação.

É o que ilustram as sentenças¹¹ abaixo:

(21) A loja de roupa, tinha que ver... [CHIquéeeeerrima!]

(22) Eu sempre gostei muito de acompanhar tendências. Gosto de andar [arquiarrumada], até mesmo pra ir trabalhar.

Em (21) e (22), o sufixo {-érrima} e o prefixo {arqui-} participam da estrutura dos vocábulos chiquérrima e arquiarrumada, enfatizando-os por intensificação. Observe que, em (21), além de receber sufixo de

¹¹ As sentenças em (21) e (22) estão apresentadas no trabalho de Gonçalves (2002).

grau, o vocábulo chiquerrima tem a sua sílaba tônica alongada, o que lhe garante a ênfase em dois níveis: morfológico e prosódico.

A focalização em nível sintático

Em nível sintático, a focalização em português pode ser veiculada por meio do emprego de certos advérbios e quantificadores, autênticos marcadores focais, ou por meio da repetição do constituinte a ser intensificado (GONÇALVES, 1997; 2002). É o que ilustram as sentenças abaixo:

(23) [...] O professor é bom demais, sabe tudo. [...] Esse cara é inteligente [pra burro].

(24) Tinha que ver, menina, lindinha a garotinha... [linda, linda, linda].

A sentença em (23) é caracterizada pelo emprego do constituinte nominal pra burro, enfático por natureza. Em (24), por sua vez, o que se observa é a ênfase do constituinte linda por meio de sua repetição.

Como mecanismo sintático, a clivagem é também empregada em língua portuguesa para focalizar constituintes. Essa operação divide uma sentença em duas partes, cada qual com o seu verbo, mas que compartilham um nível de encaixe (BRAGA et al. 2009).

De acordo com Resenes (2009, p. 17), a clivagem estabelece, na sentença, uma posição específica, a fim de hospedar o constituinte que se deseja focalizar. Nas palavras da autora, “este mecanismo é realizado com o auxílio de elementos próprios e exclusivos para esse fim, a saber, a cópula, o complementizador que ou um elemento-Q”.

Entretanto, Braga (1991 apud GONÇALVES, 1999, p. 330) afirma que apenas o mecanismo de clivagem não é suficiente para veicular foco em português brasileiro, sendo necessário que o constituinte clivado receba ainda prosódia distinta da que recebem os outros constituintes da sentença. Em suas palavras, é o emprego de cópula e/ou complementizador ‘que’,

a envolver total ou parcialmente o constituinte, conjugada ao padrão entonacional, que levam à sua focalização, simultaneamente autorizando, em enorme número de casos,

uma leitura contrastiva da sentença.

Em consonância, Gonçalves (1999, p. 330) propõe que as sentenças cindidas não são capazes de garantir o contraste de constituintes, de modo a ser a proeminência prosódica fundamental para esse fim em português. Nesta perspectiva, defende ser a focalização prosódica “a principal estratégia utilizada para contrastar elementos do texto”, isto é, cabe ao acento enfático o papel de atribuidor de contraste *stricto sensu* no português brasileiro.

As sentenças que empregam esse mecanismo recebem o nome de clivadas e pseudoclivadas, o que depende da posição em que cópula e relativa livre (encabeçada pelo complementizador *que*) são empregadas, bem como da presença ou ausência de elemento-Q. Diferentes subtipos de sentenças clivadas e pseudoclivadas podem ser empregados em português brasileiro, apresentados separadamente a seguir.

As sentenças clivadas canônicas

Em sentenças clivadas canônicas, o constituinte focalizado é empregado entre a cópula (verbo *ser*) e a construção que se inicia pelo complementizador invariável *que* (BRAGA et al. 2006). Podem ser pessoais ou impessoais, o que depende, respectivamente, da concordância ou ausência de concordância entre a cópula e o elemento clivado (foco) e entre a cópula e o verbo subordinado.

(25) Foram [AS CRIANÇAS] que viram a Gabriela.

(26) É [O JOÃO] que saiu. (versus Foi o João que saiu.)

(27) É [OS MENINOS] que vão comigo. (versus São os meninos que vão comigo.)

Na sentença em (25), clivada canônica pessoal, a cópula *foram* e o elemento clivado *as crianças* concordam em pessoa e número, ao passo que estabelecem concordância temporal a cópula e o verbo subordinado *viram*.

Já nas sentenças em (26) e (27), clivadas canônicas impessoais, o que se observa é a ausência de concordância temporal entre a cópula *é* e o verbo subordinado *saiu* (cf. (26)), e de concordância numeral entre a cópula *é* e o elemento clivado *os meninos* (cf. (27)).

As clivadas invertidas

Em sentenças clivadas invertidas, o constituinte clivado (foco) é empregado em posição anterior a da cópula (verbo ser), geralmente invariável, seguida de construção iniciada pelo complementizador que (BRAGA et al. 2006).

(28) [AS MOÇAS] é que usavam sapato sem conforto.

(29) [ULTIMAMENTE] foi que ele fez o curso de Direito e veio para São Paulo.

Nas clivadas invertidas supracitadas, os constituintes as moças e ultimamente são focalizados em primeira posição, seguidos de cópula e de relativa iniciada pelo complementizador que: que usavam sapato sem conforto e que ele fez o curso de Direito e veio para São Paulo, respectivamente. Em (28), a cópula é e o constituinte clivado as moças não concordam em número; em (29), por sua vez, há concordância temporal entre a cópula foi e o verbo subordinado fez.

As pseudoclivadas canônicas

20

As sentenças pseudoclivadas canônicas, segundo Braga et al. (2006), são caracterizadas pelo emprego de relativa livre encabeçada por pronome-Q, seguida de cópula (verbo ser) e de constituinte clivado (foco).

(30) O que eu leio habitualmente é [O JORNAL].

(31) Quem fazia a roupinha era [EU E MAMÃE].

Em (30), pseudoclivado, emprega-se relativa livre encabeçada pelo pronome o que (o que eu leio habitualmente), seguida da cópula é, em concordância temporal com o verbo subordinado leio, e do constituinte nominal focalizado o jornal, em posição final. Em (31), por seu turno, a relativa livre quem fazia roupinha, encabeçada pelo pronome quem, é seguida da cópula era, que concorda em tempo com o verbo subordinado fazia, e do constituinte nominal focalizado eu e mamãe, empregado em última posição.

As pseudoclivadas reduzidas

O que difere uma sentença pseudoclivada canônica de uma pseudoclivada reduzida, de acordo com Braga et al. (2006), é que a

primeira é caracterizada pelo emprego de relativa livre encabeçada pelo pronome-Q, ao passo que na segunda o pronome-Q é omitido.

- (32) O que eu quero é [UM CAFEZINHO].
 (33) Acontece é [QUE AS ÉPOCAS ESTÃO EVOLUINDO].

Pseudoclivada canônica, a sentença em (32) emprega relativa livre encabeçada pelo pronome o que (o que eu quero), em primeira posição, seguida da cópula é, em concordância temporal com o verbo subordinado quero, e do constituinte nominal focalizado um cafezinho. Por sua vez, a pseudoclivada em (33) é reduzida, uma vez que emprega nessa ordem: relativa livre com pronome-Q omissivo; a cópula é, que concorda temporalmente com o verbo subordinado acontece; e a construção relativa focalizada que as épocas estão evoluindo, em posição final.

As pseudoclivadas invertidas

Diferentemente das sentenças pseudoclivadas canônicas, que empregam cópula seguida de elemento clivado em posição final, as pseudoclivadas invertidas empregam elemento clivado seguido de cópula em primeira posição. Em outros termos, são caracterizadas pelo emprego de elemento clivado, seguido de cópula e de relativa livre encabeçada por pronome-Q (BRAGA et al. 2006).

- (34) Onde a Gabriela mora é [AQUI].
 (35) [ISSO] foi o que mais me impressionou.

Em (34), pseudoclivada canônica, emprega-se em primeira posição a relativa livre onde a Gabriela mora, encabeçada pelo pronome onde, seguida da cópula é, em concordância temporal com o verbo subordinado mora, e do constituinte clivado aqui. Em contrapartida, a sentença pseudoclivada invertida, em (35), emprega, em posição inicial, o constituinte clivado isso, seguido da cópula foi, que concorda temporalmente com o verbo subordinado impressionou, e da relativa livre o que mais me impressionou, encabeçada pelo pronome o que.

As pseudoclivadas extrapostas

As pseudoclivadas extrapostas (BRAGA et al., 2006) são

caracterizadas pelo emprego de cópula, em primeira posição, seguida de constituinte clivado (foco) e de relativa livre encabeçada por pronome-Q.

(36) Foi [A GABRIELA] quem as crianças viram.

(37) É [AQUI] onde a Gabriela mora.

A sentença em (36) emprega, em posição inicial, a cópula foi, em concordância temporal com o verbo subordinado viram, seguida do constituinte clivado a Gabriela e da relativa livre quem as crianças viram, encabeçada pelo pronome quem. A sentença em (37), por sua vez, é caracterizada pelo emprego da cópula é, que concorda em tempo com o verbo subordinado mora, seguida do constituinte clivado aqui e da relativa livre onde a Gabriela mora, encabeçada pelo pronome onde.

Tratamos, adiante, da focalização em sateré-mawé.

A focalização em sateré-mawé

O sateré-mawé¹², língua indígena do tronco Tupi, é falado por uma população de aproximadamente 13.350 mil indivíduos (CGTSM, 2014). Em sua maioria, habitam a área indígena Andirá-Marau, que abarca as áreas Andirá, Marau e Waikurapá, localizadas no médio rio Amazonas, no limite dos Estados Amazonas e Pará.

A respeito dessa língua, falaremos em focalização nos níveis morfológico e sintático, tendo em vista que ainda não foi realizado um estudo sistemático sobre a focalização de constituintes em nível prosódico.

A focalização em nível morfológico

Em Sateré-Mawé, as sentenças declarativas e interrogativas são caracterizadas morfológicamente por focalização distinta.

As sentenças declarativas

Em sentenças declarativas¹³, a focalização de constituintes é

12 Os estudos inseridos no projeto Aspectos Morfossintáticos da Língua Sateré-Mawé, coordenado por Dulce do Carmo Franceschini, caminham em defesa da preservação e perpetuação linguística e cultural do sateré-mawé. Atualmente pesquisadora e docente na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Franceschini orientou as dissertações de mestrado de Spoladore (2011), Carneiro (2012) e Peixoto (2014), cujos estudos buscam a compreensão de diferentes aspectos da língua sateré-mawé.

13 As sentenças declarativas de (38) a (41) estão apresentadas na dissertação

marcada por meio das partículas focalizadoras¹⁴ nekē ou ti em posição seguinte a do constituinte que se deseja focalizar (CARNEIRO, 2012).

- (38) [uito] nekē a - ti - pik apukuita
 1sg. part.foc. 1Ag.+At.T+‘quebrar’ ‘remo’
 “[Eu] quebrei o remo.”
- (39) [pira] ti ran maria Ø - tu - ’u
 ‘peixe’ part.enf. part. Maria 3Ag.+At.T+‘comer’
 “Maria comeu [peixe].”

As sentenças acima são declarativo–afirmativas. Em (38), a partícula nekē é empregada em posição seguinte a do constituinte nominal uito ‘eu’, focalizando-o. Em (39), a partícula enfática ti incide sobre o constituinte nominal pira ‘peixe’, tornando-o foco.

- (40) [it uito i’] ti ran a - ti - hi’u sapo
 NEG. 1sg. NEG. part.enf. part. 1Ag.+At.T+‘beber’ ‘guaraná
 ralado’
 “[Não fui eu] que bebi guaraná ralado.”
- (41) [it wasa’i i’] nekē iasmin a - ti - hi’u
 NEG. ‘açai’ NEG. part.enf. ‘Iasmin’ 1Ag.+At.T+‘beber’
 “[Não foi açai] que Iasmin bebeu.”

As sentenças acima são declarativo–negativas, caracterizadas pelo emprego do morfema it...’i. Descontínuo, circunda os elementos uito ‘eu’, em (40), e wasa’i ‘açai’, em (41), negando-os. Embora o morfema negativo it...’i apresente traço inerentemente focal, é comum¹⁵ que as partículas enfáticas ti e nekē incidam sobre o constituinte negado.

As sentenças interrogativas

Em sentenças interrogativas¹⁶ (SPOLADORE, 2011), a interrogação

Construções negativas em sateré–mawé, de Carneiro (2012).

14 Segundo Carneiro (2012), a respeito das partículas enfáticas nekē e ti, ainda não se sabe o que condiciona o emprego de uma ou de outra. Conforme a pesquisadora, todavia, a partícula enfática ti é frequentemente seguida de partícula enunciativa (ran, rat ou kue), ainda não sistematizadas, ou de partícula que indica aspecto–modo–tempo (aru ou ra’in).

15 Embora comum, “o emprego do morfema nekē ou ti e das partículas enunciativas ran, rat, kue pode não ocorrer” (CARNEIRO, 2012, p. 105).

16 As sentenças interrogativas de (42) a (44) estão apresentadas na dissertação A

é assinalada mediante o emprego das partículas *apo* ou *in*, inerentemente focais ¹⁷. Tais partículas, capazes de delimitar o escopo de uma interrogação, são empregadas para interrogar apenas um constituinte da sentença (foco estreito) ou a sentença como um todo (foco amplo).

- (42) [en] apo e - tu - 'u pira
2sg. part.inter. 2Ag.+At.T+'ingerir' 'peixe'
“[Você] comeu o peixe?”
- (43) [e - tu - 'u pira] apo
2Ag.+At.T+'comer' 'peixe' Inter.
“[Você comeu o peixe]?”

Em (42), a partícula *apo* interroga, em primeira posição, o constituinte em 'você'. Em (43), por sua vez, é empregada em posição final incidindo sobre toda a sentença. Observe que o sujeito é indiciado em posição inicial no verbo *etu'u*, não havendo necessidade do emprego de constituinte que desempenhe essa função. A sentença em (42), porém, emprega necessariamente constituinte nominal em função de sujeito, uma vez que é esse o constituinte que se deseja tornar foco.

- (44) [i - i - kahu] ke in wahi
3Inat.+Atr.II+'ser bonito' part. part.inter.
'colar'
“É [bonito] o colar?”

Em (44), a incidência da partícula *in* sobre o verbo estativo *ikahu* propiciou, em contexto particular, uma leitura contrastiva, em outros termos, permitiu que a interrogação do falante fosse sobre a beleza e não sobre a cor ou o tamanho do colar.

A focalização em nível sintático

Em *sateré-mawé*, a focalização em sentenças declarativas e interrogativas pode ser observada em nível sintático.

As sentenças declarativas

interrogação em *sateré-mawé*, de Spoladore (2011).

¹⁷ Sabe-se que as partículas *apo* e *in* são empregadas em sentenças interrogativas para efeito de focalização. Ainda não se sabe, entretanto, o que condiciona o emprego de cada uma dessas partículas.

Vimos, na seção anterior, que, em sentenças declarativas, o constituinte focalizado é geralmente seguido das partículas enfáticas nekē ou ti. Além do emprego dessas partículas, entretanto, a focalização é simultaneamente assinalada por meio do deslocamento do constituinte focalizado para a periferia esquerda da sentença (CARNEIRO, 2012).

A sentença a seguir apresenta ordem canônica, isto é, neutra do ponto de vista enunciativo-hierárquico (sem focalização ou topicalização).

- (45) Ø - tu - 'u pira ŋa'atpo
 3Ag.+At.T+'comer' 'peixe' 'ontem'
 "Ele comeu peixe ontem."

Em contrapartida, as sentenças declarativas a seguir foram retomadas da seção anterior e ilustram o deslocamento do constituinte focalizado para a posição inicial.

- (46) [uito] nekē a - ti - pik apukuita
 1sg. part.foc. 1Ag.+At.T+'quebrar' 'remo'
 "[Eu] quebrei o remo."

- (47) [pira] ti ran maria Ø - tu - 'u
 'peixe' part.enf. part. Maria 3Ag.+At.
 T+'comer'
 "Maria comeu [peixe]."

Observe que, em (45), canônico, o sujeito é indiciado em posição inicial no verbo etu'u, não havendo necessidade do emprego de constituinte que desempenhe essa função. A sentença em (46), ao contrário, emprega necessariamente o constituinte nominal uito 'eu', o qual, além de ser acompanhado da partícula enfática nekē, é deslocado para a primeira posição da sentença. Em (47), por sua vez, a focalização do constituinte pira 'peixe' é realizada de duas maneiras: em decorrência de seu deslocamento, em relação à sentença canônica em (45), para a periferia esquerda, bem como por meio da incidência da partícula enfática ti sobre ele.

- (48) [iɬ wasa'i i'] nekē iasmin a - ti - hi'u
 NEG. 'açai' NEG. part.enf. 'Iasmin' 1Ag.+At.
 T+'beber'

“[Não foi açái] que Iasmin bebeu.”

Em (48), o constituinte *wasa’i* ‘açái’, além de circundado pelo morfema negativo *it...’i*, inerentemente focal, é seguido da partícula enfática *nekē* e deslocado para a primeira posição em comparação à sentença canônica em (45).

As sentenças interrogativas

Vimos, na seção anterior que, em sentenças interrogativas, o constituinte interrogado é imediatamente seguido das partículas enfáticas *apo* ou *iŋ*. Todavia, a interrogação de constituinte em sentenças declarativas é concomitantemente marcada por meio de seu deslocamento para a periferia esquerda (SPOLADORE, 2011).

As sentenças interrogativas abaixo, retomadas da seção anterior, exemplificam a focalização em nível sintático.

(49) Ø - tu - ’u pira ŋa’atpo
 3Ag.+At.T+‘comer’ ‘peixe’ ‘ontem’
 “Ele comeu peixe ontem.”

(50) [en] apo e - tu - ’u pira
 2sg. part.inter. 2Ag.+At.T+‘ingerir’ ‘peixe’
 “[Você] comeu o peixe?”

O constituinte nominal em ‘você’ é escopo da interrogação formulada em (50). Isso é possível por meio da incidência da partícula interrogativa *apo* sobre ele (recurso morfológico), bem como mediante o seu deslocamento, em relação à sentença canônica em (49), para a primeira posição da sentença (recurso sintático).

Resultados

Neste artigo, pretendeu-se apresentar como a focalização se manifesta em algumas línguas, especificamente no português brasileiro e em *sateré-mawé*, e em que medida elas se assemelham ou divergem quanto às estratégias que empregam para enfatizar um constituinte.

Conclui-se que, em português brasileiro, a focalização pode ser observada em nível prosódico, morfológico e sintático. Em nível prosódico, emprega-se acento especial ao constituinte que se deseja focalizar, distinta da que é empregada aos outros constituintes da

sentença. Alongamento de sílaba tônica e fala silabada são estratégias comuns em língua portuguesa para a ênfase de um constituinte. Em nível morfológico, por sua vez, observa-se a focalização veiculada por afixos de grau. Em nível sintático, diferentes estratégias podem ser empregadas para este fim, a saber: o emprego de certos advérbios e quantificadores, a repetição do constituinte a ser intensificado e a operação de clivagem.

Em relação ao sateré-mawé, ilustrou-se a focalização nos níveis morfológico e sintático, tendo em vista que ainda não foi realizado um estudo sistemático sobre a focalização de constituintes em nível prosódico. Embora nossa hipótese seja a de que focalização nesse nível se manifeste a partir da impressão de potência sonora distinta ao constituinte que se deseja focalizar, semelhantemente ao que ocorre em português brasileiro, pretendemos confirmá-la com exatidão em trabalhos futuros. No que se refere ao nível morfológico, porém, observou-se o emprego de partículas enfáticas/focalizadoras, as quais não ocorrem em português. Viu-se que as partículas nekē ou ti são típicas de sentenças declarativas, geralmente empregadas em posição seguinte a do constituinte que se deseja tornar foco. Semelhantemente, em sentenças interrogativas, as partículas apo ou inj são empregadas em posição seguinte a do constituinte que se deseja interrogar. No que se refere ao nível sintático, por sua vez, além das partículas supracitadas, é comum que o constituinte focalizado/interrogado seja deslocado para a posição inicial da sentença¹⁸, o que em português poderia se assemelhar a uma estrutura topicalizada.

No que diz respeito à operação de clivagem, não dispomos de dados que atestem o emprego de construções especiais (constituídas de cópula e/ou complementizador), assim como as empregadas em português brasileiro, em sateré-mawé, o que nos leva a supor que não haja esse tipo de construção nessa língua. Todavia, são necessárias investigações a esse respeito.

Cumprе destacar ainda a necessidade de se investigar se as estratégias de alongamento de sílaba tônica, repetição do constituinte a ser intensificado, fala silabada, entre outras, são estratégias também empregadas em sateré-mawé, assim como em português.

¹⁸ A língua sateré-mawé mostrou-se semelhante às línguas tuparí e mekén, ambas do tronco tupi, no que se refere ao deslocamento do constituinte focalizado para a periferia esquerda da sentença e a incidência de partícula focalizadora/enfática sobre o constituinte deslocado. A esse respeito ver seção (2).

Referências

ANJOS, Zoraide de. Fonologia e gramática katukina-kanamari. Utrecht: Netherlands Graduate of Linguistics, 2011.

BRANDON, F. R.; SEKI, Lucy. Uma Reconstrução Parcial do Sistema Interrogativo Tupi. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna (Org.). Línguas e Culturas Tupi. Campinas - SP: Editora Curt Nimuendajú, 2007, v. 1, p. 259-275.

BRAGA, M. L.; KATO, M.; MIOTO, C. As construções-Q no português brasileiro culto falado: relativas, clivadas e interrogativas. In: KATO, M. e NASCIMENTO, M. (Orgs.). Gramática do português culto falado no Brasil. Volume III. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

CARNEIRO, Denize de Souza. Construções negativas em sateré-mawé. 2012. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. DIK, Simon. Interrogative clauses. In: _____. The theory of functional grammar. Complex and derived constructions. Nova York: Mouton de Gruyter, 1997, v. 2, cap. 12.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo (1999). La Langue Sateré-Mawé: Description et Analyse Morphosyntaxique. Tese de Doutorado - Université Paris VII (Denis Diderot), Paris, 1999. 297 p.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo; CARNEIRO, Denize de Souza. Negação e Focalização em Sateré-Mawé. Fragmentum, Santa Maria: Editora Programa de Pós-Graduação em Letras, n. 46, Jul./Dez. 2015, p. 37-56.

GALUCIO, Ana Vilacy. 2002b. O prefixo i- em Tupi: morfema antipassivo vs. marcador pronominal incorporado. In: Atas do Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL, Belém, UFPA, tomo 1. p. 274-287, 2002.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Foco e Topicalização: delimitação e confronto de estruturas. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, 1998, v. 1, n. 7, p. 31-50.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. O fenômeno da Focalização e a interface Fonologia-Sintaxe. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, 1999, v. 15, n. 2, p. 319-342.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Morfopragmática da intensificação sufixal em português. Revista de Letras (Fortaleza), Fortaleza, v. 1; n. 24, p. 43-50, 2002.

MIOTO, Carlos. Focalização e Quantificação. Revista Letras (UFPR, Curitiba) 61 (nº especial), 2003, p. 169-189.

PINTO, Carlos Felipe. A variação das construções de clivagem no espanhol atual. Revista do SELL, v. 2, p. 1-23, 2010.

QUAREZEMIN, Sandra (2009). Estratégias de Focalização no Português Brasileiro - uma abordagem cartográfica. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. 198 p.

RESENES, Mariana Santos de. Sentenças pseudo-clivadas do português brasileiro. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009, 143 f.

SPOLADORE, Fernanda Ferreira. A interrogação em Sateré-Mawé. 2011. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011, 161 f.

STORTO, Luciana Raccanello. Marcação de concordância absolutiva em algumas construções sintáticas em karitiana. *Amerindia: Revue d'ethnolinguistique amérindienne*, Paris, n. 32, p. 183-203, 2008.

Recebido em: 31 de ago. de 2016.
Aceito em: 06 de jan. de 2017.